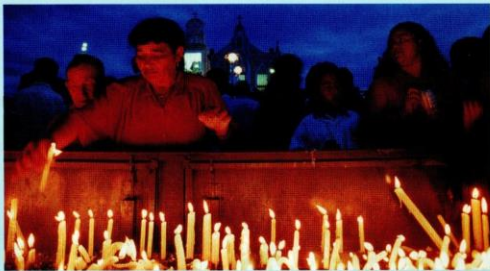


Avós, pais, irmãos, esposo, esposa ou amigos falecidos continuam nos iluminando. Guardamos com carinho e reverência suas fotos e lembranças. Eles são luzes que não se apagam. Seus exemplos, obras e testemunhos de vida iluminam nosso caminho neste mundo. O dia de Finados é um dia de Iluminação, junto da festa de Todos os Santos.



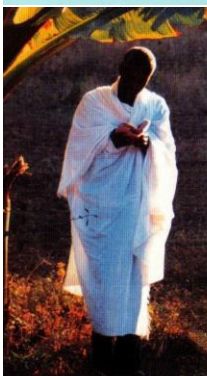
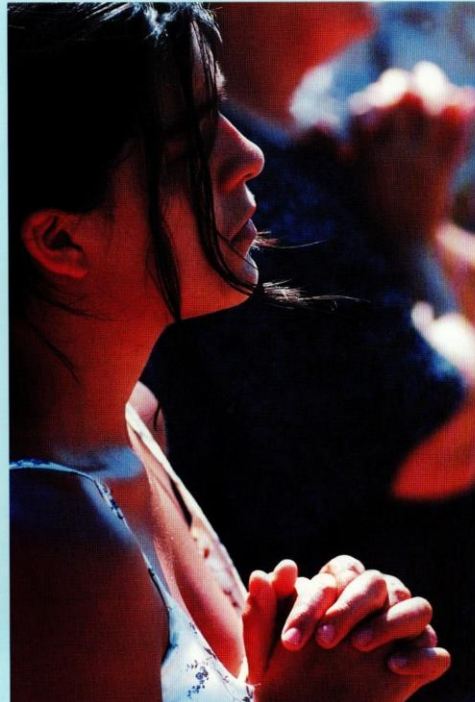
Não estamos em comunicação com os mortos, mas em comunhão com os santos. Rezamos com eles. Eles rezam conosco. Nenhum católico adora santos. Só adoramos Deus que está nos céus. Os santos, nós veneramos. Lembramos de suas vidas, de seus exemplos e buscamos imitar sua fé. Oramos com eles, confiando que um dia oraremos como eles, no seio amoroso de Deus. Cumpramos o que está recomendado na carta aos Hebreus: Lembrai-vos dos vossos santos, que vos ensinaram a Palavra de Deus. Considerai como viveram, como morreram e imitai-lhes a fé! (Hb 13,7).

Ao acender uma vela, ao depositar flores nas sepulturas, ao participar das orações vamos nos comprometer a viver sempre como irmãos, em comunhão, perdoadando e construindo a paz, agora e na hora de nossa morte.

Amém!

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS  
2001

## FINADOS NA COMUNHÃO DOS SANTOS

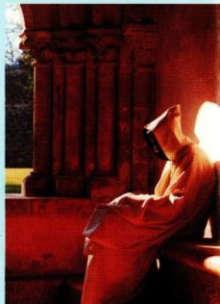


No dia de Finados, nas casas, igrejas e cemitérios relembamos nossos irmãos falecidos, santificados na morte e pela morte. A santificação começa nesta vida, mas não termina com nossa morte. Pela morte, os falecidos comparecem diante de Deus.

Iluminados por Deus revisam suas vidas, fazem um juízo de sua existência, completam o que faltou para sua santificação. Diante de Deus, entendem o que não entendiam e aceitam o que não aceitavam. Podem dizer sim a Deus onde disseram não. Perdoam o que não perdoavam e são perdoados por Deus.

Se pai e mãe sempre estão dispostos a perdoar seus filhos e acolhê-los, o que dizer de Deus? Ele ama infinitamente. Nascemos para poder morrer, diz São Gregório de Nissa. Para completar nosso nascimento e crescimento como filhos de Deus. Os falecidos passaram por uma purificação prévia, quase sempre necessária ao encontro com Deus.

Na Eternidade não existe tempo, nem espaço. A Eternidade não é um lugar, mas uma nova maneira de ser, em plenitude. Lá vivemos outras dimensões, difíceis de imaginar neste mundo. Lá não há passado ou futuro. Deus é. Nossos falecidos também são, com Deus. Um dia, nós também estaremos com Ele e com todos os que amamos e nos amaram. Netos com avós, pais com filhos, gerações passadas e presentes. Todos Iluminados. Cada um de nós e a humanidade inteira, por Cristo, se encontrará em Deus.



Na casa do Pai não existe choro, dor ou sofrimento. Não existem desigualdades, ameaças, violências ou injustiças. A passagem pela morte é uma mudança de situação. Além das coisas ruins, nos céus também acabam fé, esperança, dons da pregação, profetismo... O que não acaba é a caridade, o amor. Já neste mundo, começamos a viver nos céus, quando fazemos um trabalho de luz, iluminando os irmãos e vivendo em comunhão.



A experiência da morte é um caminho de iluminação e crescimento diante de Deus. Pela morte, participamos do mistério pascal de Cristo. O cristão ao morrer pode dizer: cumpro na minha carne o que falta na morte do Cristo (Cl 1,24) ou ainda, não sou eu quem morro, mas Cristo quem morre em mim (Gl 2,20). A passagem da morte exige decisão e conversão.

Ninguém se salva sozinho ou por força de vontade. Conversão e salvação não são obra individual. Foi Cristo quem nos salvou. Somos salvos pela graça de Deus, auxiliados pelo corpo místico de Cristo, a Igreja. Por isso, na comunhão dos santos, oramos uns pelos outros. Os católicos não rezam para os mortos, mas pelos mortos. Pela conversão de todos os vivos e falecidos.

